



Eira, Beira, Tribeira: A Ribeira e Seus Entornos¹

Josimey Costa da SILVA²

Patrícia de Carvalho SILVA³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Homens, mulheres, comerciantes, moradores e ex-moradores do bairro da Ribeira em Natal-RN recontam suas histórias no rádiocumentário *Eira, beira, tribeira: A Ribeira e seus entornos*. Suas histórias têm implicações político, econômico e sociais e fizeram com que portas de casas e estabelecimentos se abrissem, a fim de que fatos vividos ou contados fossem documentados com objetivo maior: o de ver seu Bairro registrado midiaticamente.

Palavras-chave: história oral; memória; rádiocumentário; Ribeira.

1 INTRODUÇÃO

A idéia de produzir o Rádiocumentário *Eira, beira, tribeira: a Ribeira e seus entornos* surgiu de conversa informal sobre o bairro da Ribeira. Da visão deste Bairro, proporcionada pela janela do prédio do Tribunal Regional Eleitoral, TRE, mais especificamente da sala da Assessoria de Comunicação Social, ASCOM, localizada à Praça André de Albuquerque, 534, bairro da Cidade Alta, em conversa com a chefe da ASCOM, Taís Cruz, sobre sua participação em pesquisa orientada pela cientista social Maria do Livramento Clementino.⁴

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio EXPOCOM 2010, na categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Programa avulso de áudio/rádio. Foi projeto experimental para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo no semestre 2008.2, sendo modificado em 2009, segundo indicações da banca examinadora. Premiado com o 1º lugar no Festival Universitário de Audiovisual, FUÁ 2009, no estado do Mato Grosso do Sul, MS.

² Orientadora do trabalho. Professora doutora do curso de Comunicação Social. E-mail: josimeycosta@gmail.com

³ Jornalista pela UFRN e atual aluna do 5º período do curso de Comunicação Social habilitação Radialismo. E-mail: patricia_valho@hotmail.com

⁴ Professora doutora do Departamento de Ciências Sociais da UFRN, foi também membro da banca examinadora na apresentação do projeto experimental supracitado. Durante período de um ano, em parceria



Parte do nome do rádiodocumentário menciona à situação econômica das residências da Ribeira nas décadas de 60 e 70, a qual ainda pode ser localizada com facilidade no Bairro, em imóveis fechados e sem revitalização. Cada um dos nomes, “*eira*”, “*beira*”, “*tribeira*”, refere-se a uma camada da cobertura do telhado da casa. As casas mais simples tinham apenas uma cobertura, a *tribeira*; as casas da classe média, a *beira* e a *tribeira* e, os mais ricos, tinham telhados com *eira*, *beira* e *tribeira*.

Desta forma, o indivíduo de classe social mais baixa tinha em sua casa apenas a cobertura essencial e seria portanto um *sem eira e nem beira*, possivelmente vindo daí o ditado popular. Outras explicações, entretanto, dizem que a *eira* é um terreno onde se colocam os cereais e legumes para secar no sol e a *beira* é a borda de proteção para os grãos não serem levados pelo vento. Quando a pessoa não tem *eira e nem beira*, não tem como produzir seu alimento, portanto, é um infeliz na vida.⁵

Como bairro boêmio e intelectual, a Ribeira destacava-se por seus bares Tabuleiro da Baiana, Cova da Onça (ainda existente) e Padaria Delícia, ponto de encontro dos intelectuais da época e onde o poeta repentista Zé Areia ficou conhecido por transformar fatos em piadas.

O rádiodocumentário, de maneira poética e afetiva, resgata ainda as muitas histórias do bairro e de seus entornos, sob a limitação de seus gêneros e formatos, abaixo melhor especificados. Foi assim que surgiram Seu Laerte, Seu Wandick, Seu Orlando, Seu Filipe, Dona Ione, nem todos contemplados no rádiodocumentário, que como (ex) moradores e comerciantes do bairro se deixaram entrevistar, indicando também outras possíveis fontes.

2 OBJETIVO

com o curso de Arquitetura da UFRN, bolsistas da Universidade e a prefeitura da cidade do Natal, realizou o Plano de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais, PRAC-Ribeira, publicando seus resultados posteriormente em livro homônimo. O livro, com edição da EDUFRN, ano 2008, contém inventário dos imóveis que devem ser preservados por questões históricas, patrimoniais ou arquitetônicas; os imóveis que devem ser demolidos e os que devem ter ocupação mista, funcionando simultaneamente como residências e comércios e ainda: aqueles imóveis que atingiram ponto máximo de preservação, o tombamento.

⁵ MARINHO, Rokatia Kleânia Lopes. *Provérbio*. Disponível em:
<<http://diariodeumaprofessorinha.blogspot.com/2008/08/provrbio.html>.> Acesso em 17 de agosto de 2008.



Resgatar a história do bairro da Ribeira por meio do relato oral de moradores, ex-moradores, frequentadores e ex-frequentadores do Bairro, nos tempos em que a Ribeira, mais precisamente no século XX, décadas de 60 e 70, usufruía da centralização da vida comercial na cidade do Natal, das conversas intelectuais e das casas de recurso, também chamadas cabarés ou casas noturnas, dependendo da situação financeira do indivíduo, relacionando estes relatos à situação atual do Bairro, também resgatada no rádiocumentário por meio da oralidade.

3 JUSTIFICATIVA

O espaço em que se constrói um centro-comercial convida para o (re) conhecimento de determinações/ relações. É desta forma que homens, mulheres, comerciantes, moradores e ex-moradores do bairro da Ribeira em Natal-RN estabelecem e projetam suas falas, unindo o “velho” com implicações no novo, por meio de histórias por vezes buscada em memórias subterrâneas, com implicações político, econômico sociais, diretamente relacionadas ao grupo social a que pertencem e às afetividades particular e coletiva, transmitida pela voz de pessoas comuns, que abrindo as portas de suas casas ou de seus estabelecimentos, se dispuseram a narrar fatos vividos ou lembrados do contar de suas famílias, sob o principal objetivo de ver o seu bairro recontado midiaticamente:

[...] da (re) construção da memória, os elementos e fatos se transformam em elementos fundantes da história. Transformam-se em documentos, apresentando um retrato da realidade, os quais os registros oficiais insistem em ‘esquecer’, passando esses registros a disputarem a hegemonia do imaginário social com outras versões/ representações construídas de outros lugares e por outros interlocutores, inclusive as versões oficiais (MONTENEGRO, 2003, p. 27).

A palavra pulsa – e no rádiocumentário *Eira, beira, tribeira: A Ribeira e seus entornos* não é diferente –, bem o sabem os membros das sociedades orais, que possuíam apenas os recursos de sua memória para, ao longo do tempo, reter e transmitir as representações que lhes eram convenientes de perdurar:

Para isso utilizavam a dramatização, a personalização e artifícios narrativos diversos, a fim de que as representações tivessem mais chances de sobreviver em um ambiente composto quase unicamente por memórias humanas [...] Tanto o emissor quanto o receptor compartilhavam um universo de significado semelhante e todos evoluíam no mesmo universo semântico, no mesmo contexto [...] A transmissão do conhecimento, no transcorrer do tempo, exigia um contínuo recomeço, uma renovação suscetível a alterações visíveis de geração para geração da história feita a partir da capacidade de memorização dos membros do grupo social e de suas preferências (LIMA, 2007, p. 276)

Segundo Kaplun (1978) – e essa foi também a intenção do rádiocumentário arrolado –, a educação radiofônica não se restringe apenas às emissões especializadas que visam à alfabetização e à difusão de conhecimentos básicos, mas implica:

[...] todas aquelas que procuram a transmissão de valores, a promoção humana, o desenvolvimento integral do homem e da comunidade, às que se propõem a elevar o nível de consciência, estimular a reflexão e converter cada homem em agente ativo da transformação de seu meio natural, econômico e social [...](KAPLUN, apud Barbosa Filho, 2003, p.110).

A maioria dos livros que abordam o tema *rádio*, no entanto, se limita a destacar a importância do veículo, a localização histórica no espaço tempo e as normas para produção da redação radiofônica com o máximo de clareza e objetividade e apropriação das normas gramaticais e da linguística, pouco falando do gênero rádiocumentário, satisfazendo-se, em geral, com a definição: gênero mais livre, com abordagem mais aprofundada e recursos de locução, sonoplastia e edição. Quando muito, em vários livros foi encontrado apenas um parágrafo ou duas páginas a respeito, estando a parte cabível a *rádiocumentário* dispersa ao longo do texto – o que se traduziu em dificuldade teórica para realização do projeto experimental *Eira, beira, tribeira: A Ribeira e seus entonos*, sem no entanto limitá-lo.

Diferem dessa realidade editorial os livros de Robert McIish⁶ e André Barbosa Filho, em especial este último, o qual só houve conhecimento e acesso depois da apresentação do

⁶ MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio. Um guia abrangente de Produção Radiofônica**. 4ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1999.



projeto experimental à banca examinadora, no semestre 2008.2. De forma mais detalhada, André Barbosa classifica os gêneros radiofônicos em razão da função específica que possuem, tendo como suporte a definição funcional de Lasswell e Wright⁷ utilizada por Marques de Melo⁸ na classificação dos gêneros jornalísticos. Assim, os gêneros jornalísticos estariam divididos em: Gênero jornalístico; Gênero educativo-cultural; Gênero de entretenimento; Gênero publicitário; Gênero propagandístico; Gênero de serviço e Gênero especial. Cada um dos gêneros estando dividido em formatos.

Barbosa Filho (2003) assim classifica os gêneros e formatos utilizados no rádiocumentário *Eira, beira, tribeira: a Ribeira e seus entornos*:

- jornalístico, no formato documentário jornalístico e,
- educativo-cultural, nos formatos documentário educativo-cultural e programa temático.

E os define como:

1. **Gênero Jornalístico** é o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. Seus relatos podem possuir características subjetivas do ponto de vista dos conteúdos e, portanto, acrescentar ao ato de informar, opiniões particulares sobre os acontecimentos. Esse gênero, segundo Barbosa Filho (2003), se divide nos formatos: nota; notícia; boletim; reportagem; entrevista; comentário; editorial; crônica; radiojornal; documentário jornalístico; mesas-redondas ou debates; programa policial; programa esportivo e divulgação técnico-científica.

2. **Gênero educativo-cultural:** Pouco utilizado no Brasil, com a falta de criação de projetos que visem a educação e informação como instrumentos. Segundo a classificação de Barbosa Filho (2003), o gênero se divide nas categorias: programa instrucional; audiobiografia; documentário educativo-cultural e programa temático.

⁷ Ambos teóricos da Teoria Funcionalista.

⁸ José Marques de Melo. Jornalista, professor, fundador da Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).

3. **Formato Documentário educativo-cultural:**

É o formato cuja abordagem é direcionada a tema de cunho humanístico, como uma escola, um movimento literário ou musical: análise de uma escola teatral, das programações televisivas ou radiofônicas, de grandes eventos da história, da filosofia etc. Seu tempo de transmissão é entre meia hora e uma hora, e seu roteiro deve respeitar o uso de elementos sonoros, como trilhas, efeitos e vinhetas – mesma sistemática dos documentários jornalísticos, dos quais diferem apenas por sua função e conteúdo (BARBOSA FILHO, 2003, p. 112).

4. **Formato Programa Temático:**

Este formato [...] tem como finalidade a abordagem e a discussão de temas sobre a produção de conhecimento. Praticamente desaparecido da programação radiofônica comercial, [...] encontra guarida nas grades educativas. Seu tempo de duração pode variar entre cinco minutos e uma hora, sendo mais comum o programa de curta duração. O rádio paulista tem insistido em tal formato, exibindo alguns programas cujo conteúdo trata do universo da literatura (BARBOSA FILHO, 2003, p. 113).

Faz ainda parte dos formatos utilizados no rádiocumentário hora apresentado, segundo definição de Ortriwano (1985), o formato informativo especial:

[...] a rigor, sua emissão deveria ser ocasional, diretamente ligada à ocorrência de um fato que mereça, por sua importância, um tratamento especial ou pela comemoração de uma data de importância histórica. Mas o programa especial pode também ser apresentado com periodicidade fixa, escolhendo fatos importantes para serem analisados em cada uma de suas edições [...].(ORTRIWANO, apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 102)

Desta forma, o rádiocumentário *Eira, beira, tribeira: A Ribeira e seus entornos*, pretendeu aliar o relato oral e a pesquisa científica à história do bairro da Ribeira nas décadas de 60 e 70 do século XX, comparando o bairro daquela época ao dos dias atuais, por meio de linguagens, gêneros e formatos ainda pouco explorados.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

As “personagens” utilizadas no Rádiodocumentário *Eira, beira, tribeira: A Ribeira e seus entornos* são reais, aparecem no documentário com seus nomes verídicos e foram incentivadas a responder perguntas abertas e/ou fechadas, com respeito ao fluxo de memória, às emoções e abstenção dos entrevistados a algumas lembranças, como os assassinatos no bairro da Ribeira no final da década de 60, comuns à época.

Nem todas as entrevistas foram aproveitadas diretamente no projeto experimental, pelas razões técnicas de um rádiodocumentário: tempo limitado, fluidez do entrevistado e ineditismo do assunto abordado durante o programa. Os entrevistados, em livre associação e direcionamento, abordaram lembranças vividas ou contadas por familiares, relacionando-as simultaneamente à reabilitação/ reabilitação do bairro. Ao passo em que eram entrevistadas, as fontes faziam uso explícito de fluxo de memória, o que rendeu na maioria das vezes a necessidade de maior critério e acurácia na edição, mediante a dificuldade de explorar o bairro sob diversos aspectos com delimitação de tempo e técnicas radiofônicas.

Para este documentário foram entrevistadas doze pessoas, seis delas aparecendo diretamente no projeto experimental. O foco foi dado, intencionalmente, a personagens comuns, não oficiais, que pudessem contar, sob aspecto particular ou plural, as lembranças/histórias mais relevantes do bairro sob seus pontos de vista, dados posteriormente confrontados com livros e estudiosos do assunto.

Desta forma, as histórias presentes no Rádiodocumentário *Eira, beira, tribeira: A Ribeira e seus entornos* não pretendeu esgotar-se com o projeto experimental, visto a impossibilidade, mas abordar de maneira densa, variada, leve e não pragmática, utilizando-se da afetividade dos entrevistados, poesia e recursos de áudio, as principais características da Ribeira que, nas décadas de 60 e 70, principalmente, caracterizou-se como centro comercial de Natal.

Com esta finalidade foram utilizados os métodos *etnográfico*, quando o foco da atenção do pesquisador desloca-se para sua própria sociedade, no caso, o bairro da Ribeira nos anos 60 e 70, século XX, procurando com outros olhos significados nela, tendo em mente que “hoje não é mais possível pensar e estudar as sociedades contemporâneas de maneira dicotômica em relação ao universo da comunicação de massa, como se ainda fosse possível separá-los (DUARTE et al., 2009, p.100) e do método de *estudo de caso*, com

centramento em uma situação, no caso, a análise de fatos caracterizadores do bairro da Ribeira nas décadas de 60 e 70.

O estudo de caso foi aplicado em sua fase aberta ou exploratória, quando são especificadas as questões ou pontos críticos, estabelecidos os contatos iniciais para início do trabalho de campo (no caso, com possíveis entrevistados), localizadas as informações e as fontes de dados para o estudo (no caso, em livros e com fontes orais); a coleta sistemática de dados, com base nas características próprias do objeto estudado; a análise e interpretação sistemática dos dados e a elaboração do relatório – fases desenvolvidas no projeto experimental ponto a ponto, mais especificamente no relatório do projeto.

Documentando esta realidade, é possível destacar a multiplicidade de dimensões presentes numa situação, revelando uma complexidade com inter-relações entre seus componentes e trabalho com pressuposto de que: “o conhecimento não é algo acabado, mas que está sempre em construção e por isso faz parte de sua função indagar e buscar respostas ao longo da investigação.” (DUARTE, et al., 2009, p.233).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Uma dificuldade presente no decorrer do trabalho, levando em consideração o tema abordado, foi o espaço previamente determinado na mídia *rádio* para os gêneros e formatos utilizados no projeto experimental *Eira, beira, tribeira: a Ribeira e seus entornos*, a saber: gênero jornalístico, no formato documentário jornalístico, e gênero educativo-cultural, nos formatos documentário educativo-cultural e programa temático – já abordados anteriormente –, a fim de não ficar exaustivo, levando ao ouvinte a melhor forma de transmissão de conteúdo, de maneira simpática, densa, inovadora e não pragmática.

Com esse objetivo foram utilizadas locuções de um narrador não repórter antes de cada entrevistado; recursos poéticos e música, com espaço para o ar nostálgico que vinha com os sentimentos dos entrevistados. Alguns, mais acanhados no início, esqueciam que estavam sendo gravados, outros abordavam com descrição a vida noturna no bairro, em entrevistas presenciais com auxílio de gravador mp3 – que se mostraram inviáveis em qualidade técnica e precisaram ser refeitas por telefone em estúdio –, com edição nos programas



*Sound Forge 8.0*⁹ e *Samplitude*¹⁰, para posterior apresentação do projeto experimental no semestre 2008.2, ainda com versão final com tempo de 20 minutos e 10 segundos. Versão editada no ano de 2009 para aproximadamente quinze minutos – conforme orientação da banca examinadora –, no software *Audacity*¹¹, para submissão ao EXPOCOM 2010¹².

Por meio de discurso radiojornalístico, foram deixados no Rádiodocumentário fluxos de memória com marcas intencionais de busca ao pensamento, oralidade e respiração mais profunda, tudo com interesse de transmitir ao ouvinte naturalidade, espontaneidade, afetuosidade e transposição para o lugar de memória daqueles que vivenciaram os fatos narrados ou daqueles que, ouvindo o Rádiodocumentário tomariam conhecimento deles, de maneira educativo-cultural, com foco principal às histórias contadas.

O *Eira, beira, tribeira: a Ribeira e seus entornos* contém poesia, abertura com anúncio do nome do rádiodocumentário (vinheta), que se repete à inserção de cada fato novo; seis entrevistados; trilha sonora e duas músicas com letra, sendo uma delas gravada especialmente para o projeto: *Ribeira, Suor e Lágrimas*, do compositor Enoch Domingos, que não cobrou cachê pela gravação.

6 CONSIDERAÇÕES

Com tempo aproximado em 15 minutos, o Rádiodocumentário *Eira, beira, tribeira: A Ribeira e seus entornos* explorou histórias significativas nas décadas de 60 e 70 do bairro da Ribeira, em confronto com seus dias atuais, sem no entanto esgotar a investigação sobre o Bairro, mediante sua ampla história e as delimitações do gênero *documentário*, já relatadas. Desta forma, foram abordados os marcos do Bairro: os pontos que, pensando-se

⁹ Formalmente conhecido como *Sonic Foundry Sound Forge* ou *Forge*, é um programa de computador que edita e cria áudio digital, sendo recomendado para uso profissional e semi-profissional no mercado de gravadoras e estúdios de gravação. A partir da versão 7 tornou-se Sony Sound Forge, em razão da compra de seus direitos pela Sony. Hoje está na Versão 9 e é uma ferramenta essencial a todos editores e produtores de áudio. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sound_Forge>. Acesso em: 31 mar. de 2010.

¹⁰ Software de edição.

¹¹ Software livre de edição digital de áudio.

¹² Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Espaço da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, INTERCOM, com periodicidade anual, destinado à exposição de trabalhos resultantes da pesquisa experimental realizada nos laboratórios e oficinas dos cursos de graduação em comunicação social, selecionados pela criatividade, originalidade, inovação tecnológica e qualidade técnica. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/premios/2010/expocom.shtml>>. Acesso em: 31 de mar. de 2010.



na Ribeira, não se poderia deixar de lembrar, mostrado no documentário com afetividade pelos entrevistados.

Em contato com as rádios da cidade¹³, foi negado espaço para veicular o Rádiodocumentário, com gêneros e formatos atualmente não cabíveis na proposta da mídia *rádio* dessas emissoras. Falta de espaço na grade de programação foi alegado por todas elas.

Uma exceção à regra foi a Rádio Universitária FM, lotada no prédio sede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, que tanto forneceu seus estúdios para produção e edição do rádiodocumentário como se mostrou interessada em sua transmissão – em fase de conversa com a diretoria da Rádio Universitária FM.

Fazer o documentário, no entanto, diante de todas as dificuldades falar sobre a Ribeira, foi também uma forma de encontro, aliando jornalismo investigativo, pesquisa bibliográfica e arquitetura do bairro, não necessariamente com informações coincidentes. Importante ressaltar que: os poucos comerciantes e (ex) moradores da Ribeira concentram em geral considerável acúmulo de conhecimento (crítico) não somente do Bairro, mas de inserção no mundo enquanto ser social. Os grandes poetas da Ribeira continuam vivos e, como no Romantismo do poeta Álvares de Azevedo, querem reviver, seja por meio da reabitação de casarios poéticos transformados em lugares mistos (de comércio e moradia), encontros com amigos em redutos de boemia ou ainda: por meio de relatos orais.

REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Comunicação – estudos).

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em comunicação**. 2 ed. 3 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

LIMA, Gercina Ângela Borém. A transmissão do conhecimento através do tempo: da tradição oral ao hipertexto. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, v.30, n.2, jul./dez., p.275.285, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.org.co/pdf/rib/v30n2/v30n2a13.pdf>> Acesso em 15 de outubro de 2009.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

¹³ Apenas as rádios FM's comerciais foram contactadas. As rádios comunitárias, dado o limitado tempo para o projeto experimental, não foram mapeadas.